

VII Congresso Latino-Americano de Estudos do Trabalho

O Trabalho no Século XXI: Mudanças, impactos e perspectivas

GT 06 - Subcontratación y organización de trabajadores precarios

Título da apresentação: Terceirização e resistência: em direção a novos contornos na gestão dos efetivos na CSN

Sabrina de Oliveira Moura Dias, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Terceirização e resistência: em direção a novos contornos na gestão dos efetivos na CSN

RESUMO¹

Esta apresentação tem por objetivo discutir o processo de terceirização na Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) em Volta Redonda, bem como seus desdobramentos mais recentes. Dois acontecimentos principais neste caso se apresentam como fontes interessantes e, até certo ponto, inovadoras nesta temática: as greves sucessivas organizadas por trabalhadores terceirizados na CSN nos anos de 2005, 2006 e 2007; a segunda diz respeito à inversão da terceirização iniciada na empresa desde 2007, quando parte dos efetivos terceirizados começou a ser progressivamente (re)incorporada ao quadro da contratante. A partir destes acontecimentos pretendemos discutir a construção e o fortalecimento de um sentimento de identidade entre os trabalhadores terceirizados, bem como o papel da greve e de outras formas de luta e de resistência como motivadores da desterceirização de parte dos efetivos terceirizados na CSN.

¹ Esta apresentação é parte de uma pesquisa desenvolvida pela autora desde o início do mestrado em 2008. Portanto, ela apresenta resultados tanto da pesquisa de mestrado, já concluída, quanto daquela de doutorado, em andamento.

A dinâmica da terceirização na CSN: avanços e retrocessos

O foco desta apresentação está na análise do processo de terceirização na Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), uma das principais empresas produtoras de aço no Brasil. Mais especificamente nos interessa discutir os aspectos e as condições da terceirização nesta empresa que possam lançar luz sobre as greves realizadas por trabalhadores terceirizados nos anos de 2005, 2006 e 2007. O fato de não ser este um acontecimento comum e recorrente no mundo do trabalho - a articulação e a ação grevista de trabalhadores terceirizados² - aumenta a necessidade de compreender os aspectos específicos da indústria siderúrgica e da terceirização na CSN que possam explicar a emergência de um perfil grevista entre os trabalhadores terceirizados. Além disso, o início de um processo de desterceirização³ nos anos de 2007, que levou à incorporação parcial de trabalhadores terceirizados ao quadro da empresa contratante, aponta para elementos que permitem relacionar os acontecimentos grevistas com a revisão da terceirização como forma de gestão dos efetivos por parte da CSN.

A terceirização consiste, grosso modo, na subcontratação de uma empresa terceirizada por uma empresa contratante para a produção de um produto ou para a prestação de um serviço. Uma definição assim geral e abrangente de terceirização na prática dá origem a uma multiplicidade de estatutos, contratos, relações e condições de trabalho. Embora a terceirização tenha existência histórica anterior, é no período mais recente que ela se tornou uma das formas privilegiadas de organização da produção. A sua intensificação e rápida expansão no mundo está ligada sobretudo à consagração da ideia de “empresa enxuta”, de desverticalização da produção, de flexibilização da produção e dos efetivos, de compartilhamento dos riscos do negócio e de maior eficiência e especialização propagados pelo modelo japonês de produção. Para trabalhadores, sindicatos e defensores das instituições do trabalho a terceirização trouxe consigo a deterioração das condições de trabalho e de emprego, a redução dos salários e dos direitos trabalhistas. Em princípio utilizada em atividades acessórias como a limpeza

² Outras duas greves que mobilizaram trabalhadores terceirizados de manutenção de diferentes empresas no Brasil foram as realizadas na Usiminas de Cubatão (SP) em 2010, e este ano, na Petrobrás em São José dos Campos (SP) (disponível em <http://economia.estadao.com.br/noticias/negocios+geral,termina-greve-de-terceirizados-da-usiminas-cubatao,32322,0.htm> e <http://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2012/09/greve-dos-terceirizados-da-petrobras-entra-no-segundo-dia.html>).

³ Processo também chamado de “primeirização” ou “primarização”.

ou a segurança, a terceirização passou, principalmente no final dos anos 1990 e início de 2000 no Brasil, a ser utilizada em atividades diretamente ligadas à produção.

Neste sentido, a CSN promoveu em 2002 uma intensificação da terceirização da manutenção industrial permanente, atividade diretamente ligada à produção, de caráter contínuo e ininterrupto. A maior parte dos trabalhadores terceirizados estava à época dividida entre duas multinacionais: a italiana Comau e a japonesa Sankyu. Nos anos de 2005, 2006 e 2007 os trabalhadores destas duas empresas (e de outras) promoveram greves, a última delas chegando a durar 27 dias. Em 2007, a CSN deu início a um processo de desterceirização que culminou em 2010 com a não renovação do respectivo contrato junto a Comau, uma das empresas terceirizadas com maior número de trabalhadores dentro da usina. A análise da articulação em greve destes trabalhadores terceirizados constitui uma novidade e um desafio nas pesquisas sobre a terceirização, uma vez que ela, se não questiona, ao menos problematiza leituras clássicas sobre esta temática, a saber: 1) Da incapacidade ou do menor poder de ação de trabalhadores terceirizados, considerados mais vulneráveis em termos de condições de salário e emprego e, portanto menos dispostos a assumir os riscos de uma atitude de confronto em relação ao patronato; 2) Da terceirização como propiciadora da fragmentação da representação política dos trabalhadores dentro de uma mesma empresa. Embora esta afirmação se aplique em geral à realidade da terceirização, ela deve ser relativizada, uma vez que: a divisão de trabalhadores sujeitos a acordos coletivos diferentes dentro de uma mesma empresa antecede a terceirização, e remonta à criação de filiais e subsidiárias pela empresa principal; após o processo mais intenso de terceirização na CSN, o Sindicato dos Metalúrgicos da Região Sul Fluminense conseguiu manter dentro de sua base de representação a maior parte das funções de antes; mesmo com acordos coletivos distintos e sendo subordinados a empresas diferentes, os terceirizados encontraram motivação para se unirem em greve.

Buscaremos outrossim relacionar a condição de precariedade dos trabalhadores terceirizados e a atitude grevista historicamente atribuída aos trabalhadores da manutenção como elementos que serviram como amálgama nas greves conjuntas entre trabalhadores de diferentes empresas terceirizadas na CSN. Fatores como a maior autonomia e o domínio de um know-how atribuídos aos profissionais de manutenção, e fatores mais recentes relacionados à quase completa terceirização da atividade foram de maneira recorrente mobilizados nas entrevistas como explicação para o perfil grevista e

combativo adotado pelos terceirizados. Neste sentido esta pesquisa tem por objetivo também relativizar, segundo este caso, a associação corrente entre terceirização/vulnerabilidade e fragilidade sindical e organizacional dos trabalhadores, buscando apontar para a formação de uma identidade baseada na condição de terceirizado.

Por fim, esta pesquisa tem por objetivo compreender de que maneira as greves, as conquistas e as resistências dos trabalhadores terceirizados contribuíram para a desterceirização de parte dos trabalhadores. A desterceirização é uma prática nova e ainda pouco estudada, e que está vinculada em parte à pressão dos trabalhadores contra a deterioração de suas condições de trabalho e emprego.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada na pesquisa sobre a terceirização na CSN consiste na realização de entrevistas com trabalhadores diretos e terceirizados da empresa, de diferentes níveis hierárquicos como profissionais de manutenção (eletricistas, soldadores, instrumentistas, mecânicos), técnicos, superintendentes e coordenadores de área. Através dessas entrevistas, foi possível recuperar informações sobre o processo de terceirização que se intensificou no início dos anos 2000, bem como compreender as novas condições de trabalho e de segmentação que ele produziu dentro da usina. Além disso, essas entrevistas permitiram reconstituir as causas e as motivações que levaram às greves sucessivas realizadas pelos trabalhadores terceirizados da CSN. As entrevistas com líderes sindicais, funcionários da seção regional do Ministério do Trabalho e do Ministério Público do Rio de Janeiro permitiram uma melhor compreensão das relações entre sindicatos e instituições do trabalho e trabalhadores e empresas terceirizadas, bem como da luta contra a precarização derivada da terceirização. Os jornais da região (Diário do Vale e Voz da cidade), bem como os boletins sindicais compõem parte do material de pesquisa e tiveram um papel fundamental na compreensão do processo de terceirização e das greves de 2005, 2006 e 2007. O trabalho com os acordos coletivos e com dados do Ministério do Trabalho têm permitido identificar mudanças na condição dos trabalhadores terceirizados.

RESULTADOS:

Entre os resultados obtidos a partir da pesquisa destacamos:

- Embora a terceirização em geral represente uma fragmentação dos acordos coletivos dos trabalhadores entre variadas empresas, no caso estudado ela favoreceu a construção de uma identidade entre trabalhadores terceirizados. De acordo com as entrevistas, o horizonte das demandas estava situado na melhoria das condições de trabalho e emprego terceirizado, mas também, em muitos casos, na condição dos trabalhadores da CSN. A ideia principal neste caso era que para trabalhos iguais ou similares, dentro de um mesmo espaço de trabalho, era injusto receber salários e gozar de direitos diferentes. Portanto, à desconstrução da identidade mais abrangente baseada no local de trabalho⁴ e na empresa empregadora, os trabalhadores se reuniram em torno da identificação na condição de terceirizado e na reafirmação do local de trabalho como referência da luta. A maior parte dos terceirizados afirmou que a greve tinha por objetivo pressionar não apenas a empresa prestadora de serviços que os empregava diretamente, mas também a CSN, que eles consideravam também responsável por sua condição de trabalho.

- A terceirização não está livre de contradições e, portanto, em determinadas situações ela pode não ser vantajosa para a empresa. No caso da desterceirização ocorrida na CSN, as entrevistas apontam para elementos multicausais na sua origem, entre eles: as greves realizadas pelos terceirizados, a evasão de trabalhadores terceirizados para outras empresas da região ou do estado, o encarecimento da contratação dos serviços terceirizados. Todos esses elementos têm relação em alguma medida com as contradições da precarização que a CSN impôs aos trabalhadores de manutenção, que poderiam ser sumarizadas nas seguintes questões: como pedir cooperação e comprometimento aos trabalhadores terceirizados e ao mesmo tempo segregá-los⁵? Como criar trabalhadores flexíveis e instáveis (em termos de relações de trabalho) e ao mesmo tempo fixar a mão de obra qualificada na empresa? Como evitar que trabalhadores que desempenham as mesmas atividades, nos mesmos locais de trabalho sintam-se insatisfeitos de receber

⁴ Antes da terceirização abrangente das atividades de manutenção, trabalhar na CSN (na planta da empresa) quase sempre significava ser trabalhador da CSN. Com a terceirização, a empresa busca quebrar esse tipo de identificação: a partir de então, o local de trabalho não é mais o definidor do vínculo de trabalho.

⁵ A terceirização aponta para contradições importantes nos métodos de gestão da força de trabalho capitalismo: ela incita os trabalhadores (inclusive os terceirizados) a cooperarem ao mesmo tempo em que os segrega objetiva e subjetivamente dentro dos espaços de trabalho, através de discriminações de uniformes, vestiários, refeitórios e direitos entre trabalhadores.

salários, benefícios e tratamento diferentes? Como atender às pressões por inovação tecnológica e organizacional e promover ao mesmo tempo uma intensificação da separação entre concepção-trabalhadores diretos / execução-trabalhadores terceirizados, nos moldes da produção taylorista de outrora?⁶ Todas estas questões apontam para a emergência de formas de resistência dos trabalhadores, sejam elas explícitas ou tácitas, organizadas ou não, coletivas ou individuais, que transformam e complexificam as relações entre o capital e o trabalho.

Referências Bibliográficas

- ARTUR, K. **O TST frente a terceirização**. São Carlos: EDUFSCAR, 2007.
- CARDOSO, L. A.; ROMÃO, F. L. “Primeirização”: um modelo pós-fordista de organização do trabalho na indústria brasileira. In. **XV Congresso Brasileiro de Sociologia (SBS)**, Curitiba, 2011.
- CARELLI, Rodrigo de Lacerda. Terceirização e direitos trabalhistas no Brasil. In: DRUCK, Graça; FRANCO, Tânia (orgs.). **A perda da razão social do trabalho: terceirização e precarização**. São Paulo: Boitempo, 2007.
- DIAS, S. de O. M. **Dentro da usina mas fora da “família”**: trabalhadores e terceirização na CSN. 2010. 161 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2010.
- GRACIOLLI, E. J. **Privatização da CSN: da luta de classes à parceria**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2007.
- MARCELINO, P. **Terceirização e ação sindical**: a singularidade da reestruturação do capital no Brasil. 2008. 373f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas.
- MUNCK, R. **Labour dilemmas and labour futures**. In. *Labour Worldwide in the era of globalization*. Londres, Macmillan, 1999.
- POCHMANN, M. **A superterceirização do trabalho**. São Paulo: Ltr, 2008.
- SANTANA, R. Práticas de terceirização nas empresas industriais. In: DRUCK, G.; FRANCO, T. (orgs.). **A perda da razão social do trabalho: terceirização e precarização**. São Paulo: Boitempo, 2007.
- SENNETT, R. **A corrosão do caráter**: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. 14ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- SILVA, S. C.; FRANCO, T. Flexibilização do trabalho: vulnerabilidade da prevenção e fragilização sindical. In: DRUCK, G.; FRANCO, T. (orgs.). **A perda da razão social do trabalho: terceirização e precarização**. São Paulo: Boitempo, 2007.

⁶ Outras questões interessantes sobre essa temática, a saber, das contradições, diz respeito à relação entre as empresas contratantes e suas prestadoras de serviços. Neste sentido, ao pressionar as prestadoras de serviços por contratos mais baratos, a contratante põe em risco a boa execução das atividades dentro de suas instalações. Esta relação também não está livre de disputas e fricções.